



## Hannah Arendt, o totalitarismo e a relação com o conceito do mal e da moral

Ricardo Gomes Ribeiro, Prof. Dr. Agemir Bavaresco (orientador)

*Programa de Pós-Graduação (Mestrado), Faculdade de Filosofia, PUCRS,*

### **Resumo**

O totalitarismo, uma forma de governo e de dominação, baseado na organização burocrática de massas, no terror e na ideologia. Hannah Arendt percebeu elementos de grande reflexão nesse sistema de governo, abordando, a questão política no início do século XX. Dimensões de horrores e o radicalismo da negação à liberdade, jamais foram vistas. Encontramos semelhanças existentes entre o sistema de governo totalitário e outros sistemas atuais. Um dos aspectos que Hannah Arendt traz em sua conceitualização sobre o totalitarismo é quanto ao colapso da moralidade neste regime. Os aspectos desumanos, oriundos dos governos, nazista e stalinista constatados por ela, evidenciam um ponto de reflexão nesse sentido. O presente artigo fará à análise de conceitos que integram o ponto central da obra sobre o totalitarismo de Hannah Arendt, a questão moral e imoral do totalitarismo, abordando o mal e a autonomia como consequências inevitáveis do regime. Um colapso moral do regime de governo visto, não só pela ótica dos criminosos, mas do comportamento das pessoas comuns, que se ajustaram entrando em contradição com as questões vigentes. Em tais personagens vem à luz o perigo eminente que decorre da diluição e perda de si mesmo no anonimato coletivo.

### **Introdução**

Juntamente com o conceito de antissemitismo e suas origens, Hannah Arendt (2007) escreve a respeito do totalitarismo, pois que o povo judeu foi o que percebeu o maior efeito do sistema totalitário e violência na história da humanidade. A questão do antissemitismo foi fator determinante para o abuso de julgamento pelo totalitarismo e para demonstrar como o ser humano chega ao ódio e à perseguição aos judeus. Hannah Arendt (2007, p. 77) percebe o antissemitismo em outros lugares do mundo reiterando que tal aspecto é determinante para

o totalitarismo, além disso, afirma que as duas coisas não estão intimamente ligadas a ponto de definiram-se ou associarem-se, visto que, assim como o racismo em relação aos negros, explicar-se-ia que governos totalitários estariam em vigor pelo simples fato deste racismo existir.

Quando Hannah Arendt escreveu sobre o julgamento de Eichmann, uma filósofa e teóloga enviada para descrever o que estava vendo, seu texto entrou em choque com a esperança da comunidade judaica. Nunca se chegaria à dimensão que o horror nazista chegou com a divulgação de uma condenação extrema, em Jerusalém, em um livro ou artigo sobre o julgamento. O que a comunidade queria era um castigo midiático, tão forte quanto o horror sofrido, o que, na realidade era impossível. O crime e o julgamento foram dois fatos diferentes e isolados, apesar de estar ligado ao mesmo problema, *o Holocausto*. A autora passou a ter a capacidade de abstrair os crimes cometidos por todo o regime e fixar-se apenas naqueles cometidos pelo réu em questão (Adolf Eichmann).

A autora não teve a intenção de escrever um tratado a respeito do “mal”. A banalidade apontada remeteria à questão do comandante nazista tratado no livro. Era necessário trazer a questão jurídica, implicada no comportamento do Estado do regime totalitário, em que o oficial e todo o comando nazista julgavam, condenava e aplicava a pena, sem parâmetros claros e plausíveis. A partir daí, seguiram-se grandes reflexões com uma urgência filosófica, muito mais que psicológica, tentando identificar o aspecto antropológico para esse comportamento tão absurdo.

O não conceder sobre si a superioridade do outro, coloca-se como um dos pontos a ressaltar nesse processo, que Kant imputa como disposição para o bem, por ter origem no amor de si e para obter a si um valor na opinião dos outros. Essa não concessão é uma precaução em relação a uma superioridade de outrem em relação a si. Por uma questão do medo de submeter-se à humanidade de outro ser, a disposição passa para um estágio da natureza humana que pode negar a moralidade e impor-se como superior aos demais. A “malignidade” ou o “estado de corrupção” seriam uma inversão perversa da lei moral em relação ao móbil e ao livre arbítrio corrompido na sua raiz, podendo estar presente, universalmente, em homens inclinados para o bem, que possuem também uma inclinação na natureza humana para o mal, sendo um originário e o outro contingente (KANT, 2008. p. 33-36).

O ponto chave disto é que para Arendt ninguém deseja ser mal, e que ao agir assim sempre estaria em contradição consigo mesmo, “com a sua própria razão, e por

isso, deve desprezar-se”. Assim entraria no ramo da auto-enganação, ou mentir para si próprio a título de poder suportar o desprezo para consigo. Para a autora todos os preceitos e crenças morais ficam a parte deste colapso moral ocorrido no sistema totalitário, pois o elemento; “temer a Deus” ou “inferno e castigo divino” estavam afastados de qualquer temor. Citando Nietzsche, Arendt mostra que; o não suportar a si mesmo é, neste instante do ato de terror, mais importante do que a crença em um Deus vingador. Arendt afirma não saber o que se passou nos corações dos homens que comandaram o nazismo, mas está certa de que ninguém considerou essas crenças mais antigas adequadas para justificação pública (ARENDR, 2008, p.128).

### **Metodologia**

Metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica com o método da análise-crítica. Para chegar ao resultado pretendido pelo estudo este método irá decompor e estudar as formas dos elementos ligados ao tema como, Totalitarismo, moralidade, banalidade do mal, Nazismo, estudar a aplicação e a posição filosófica dessas diferentes estruturas do pensamento utilizando um julgamento minucioso desse conjunto.

### **Referências**

- ARENDR, Hannah. *Compreender: Formação, Exílio e totalitarismo*. Trad. Denise Bottmann São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ARENDR, Hannah. *Eichmann em Jerusalém - Um Relato sobre a banalidade do mal*. Trad. José Rubens Siqueira. 1ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- ARENDR, Hannah. *Origens do Totalitarismo: Antissemitismo, Imperialismo e Totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. 8ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- ARENDR, Hannah. *Responsabilidade e Julgamento*. Trad. Rosaura Eichenberg. 2ª São Paulo: Companhia das letras, 2008.
- KANT, Immanuel. *A Religião nos Limites da Simples Razão*. Trad. Artur Morão Lisboa: Ed. LusoSofia, 2008.
- KANT, Immanuel. *Crítica da Faculdade do Juízo*. Trad. António Marques e Porto: Ed. Imprensa Nacional. 1997.
- MPINHEIRO, Letícia Machado. *O conceito kantiano de mal radical e o resgate da disposição originária para o bem*. Santa Maria: Dissertação de Mestrado - UFSM. 2007.
- ROSENFELD, Denis L. *O Mal: Para introduzir em filosofia o conceito do mal*. Trad. Marco Zingano. Porto Alegre: L&PM Editores, 1988.
- ULLMANN, Reinholdo Aloysio. *O Mal*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.